



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA *HOMILIA NO ENCONTRO DE ORAÇÃO PARA O ACTO DE DEVOÇÃO*

AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS Elblag, 6 de Junho de 1999

1. *«Ao teu coração prestamos honra, ó Jesus nosso, ó Jesus...».*

Dou graças à Divina Providência, por poder juntamente convosco, aqui presentes, prestar louvor e glória ao Santíssimo Coração de Jesus, no qual se manifestou do modo mais completo o amor paterno de Deus. Sinto-me feliz porque a pia prática de recitar ou cantar todos os dias, no mês de Junho, as Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus, é tão viva e persevera sempre na Polónia.

Saúdo quantos estão presentes hoje nesta função, nesta tarde de domingo. Saúdo de modo especial o Bispo Andrzej, Pastor desta Diocese, o Bispo Auxiliar e todo o Episcopado polaco juntamente com o Cardeal Primaz que celebrou a hodierna função, saúdo os sacerdotes, as pessoas consagradas e todo o Povo de Deus da Diocese de Elblag. Dirijo cordiais boas-vindas aos peregrinos da Rússia, do distrito de Caliningrado, que vieram aqui com o seu Arcebispo, D. Tadeusz. Saúdo também os fiéis da Igreja Greco-Católica. Saúdo toda a jovem Igreja de Elblag, particularmente unida à figura de Santo Adalberto. Não distante daqui - segundo a tradição - ele deu a vida por Cristo, em Swiety Gaj. No decurso da história, a morte deste mártir produziu nesta terra frutos abundantes de santidade. Quero recordar, neste lugar, a beata Dorota de Matowy, esposa e mãe de nove filhos, e também a serva de Deus Rainha Protmann, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, que - se Deus quiser - a Igreja elevará à glória dos altares durante esta peregrinação, através do meu ministério em Varsóvia. Será inserido no álbum dos beatos também um filho desta terra, Pe. Władysław Demski, que deu a vida no campo de concentração de Sachsenhausen, defendendo publicamente a cruz ultrajada de maneira sacrílega pelos carnífcies. Vós recebestes esta magnífica herança espiritual e é necessário que a tuteleis, a desenvolvais e construais o futuro desta terra e da Igreja de Elblag, sob a base firme da fé e da vida religiosa.

2. *«Coração de Jesus, fonte de vida e de santidade, tem piedade de nós».*

Invocamo-lo assim nas Ladainhas. Tudo o que Deus nos queria dizer de si e do seu amor, depositou-o no Coração de Jesus e mediante este Coração exprimiu-o. Encontramo-nos perante

um mistério inescrutável. Através do Coração de Jesus lemos o eterno plano divino da salvação do mundo. E é um projecto de amor. As Ladainhas que cantámos de maneira admirável contêm toda esta verdade.

Reunimo-nos hoje aqui para contemplar o amor do Senhor Jesus, a sua bondade que se compadece de cada homem, e para contemplar o seu Coração fervoroso de amor pelo Pai, na plenitude do Espírito Santo. Cristo que nos ama, mostra-nos o seu Coração como fonte de vida e de santidade, como fonte da nossa redenção. Para compreender de modo mais profundo esta invocação, talvez seja preciso retornar ao encontro de Jesus com a Samaritana, na pequena cidade de Sicar, à beira do poço, que se encontrava ali desde os tempos do Patriarca Jacob. Tinha ido ali para tirar água. Então Jesus disse-lhe: «Dá-Me de beber», e ela respondeu-lhe: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?». O evangelista acrescenta então que os Judeus não se davam com os samaritanos. E Jesus respondeu-lhe: «Se conhecesses o dom de Deus e Quem é Aquele que te diz: 'Dá-Me de beber', tu é que lhe terias pedido, e Ele dar-te-ia uma água viva (...) a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente de água a jorrar para a vida eterna» (cf. *Jo* 4, 1-14). Palavras misteriosas.

Jesus é fonte; n'Ele tem início a vida divina no homem. É preciso apenas aproximar-se d'Ele, permanecer n'Ele, para ter esta vida. E o que é esta vida a não ser o início da santidade do homem? Da santidade que está em Deus e que o homem pode alcançar com a ajuda da graça? Todos desejamos beber do Coração Divino, que é fonte de vida e de santidade.

3. *«Felizes os que observam os preceitos, os que em todo o tempo fazem o bem!»* (Sl 105[106], 3).

Irmãos e Irmãs, a meditação do amor de Deus, que se revelou no Coração do seu Filho, exige do homem uma resposta coerente. Não fomos chamados apenas a contemplar o mistério do amor de Cristo, mas a participar nele. Cristo diz: «Se Me amardes, guardareis os mandamentos» (*Jo* 14, 15). Desta forma, Ele faz-nos uma grande chamada e ao mesmo tempo põe-nos uma condição: se Me queres amar, guarda os Meus mandamentos, observa a santa lei de Deus, segue as veredas que Deus te indicou e que Eu te indiquei com o exemplo da minha vida.

É vontade de Deus que observemos os mandamentos, isto é, a lei de Deus dada no Monte Sinai a Israel, por meio de Moisés. Dada a todos os homens. Conhecemos estes mandamentos. Muitos de vós repetem-nos todos os dias na oração. É um costume muito bonito e devoto. Repitamo-los como estão escritos no Livro do Êxodo, para confirmar e renovar o que recordamos.

«Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair do Egipto, de uma casa de escravidão. Não terás outro Deus além de Mim.

Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus.

Recorda-te do dia de sábado, para o santificar.

Honra o teu pai e a tua mãe, para que os teus dias se prolonguem na terra que o Senhor, teu Deus, te dará.

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não roubarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo.

Não cobiçarás a mulher do teu próximo» (cf. 20, 2-17).

Eis o fundamento da moral dada ao homem pelo Criador: o Decálogo, as dez palavras de Deus pronunciadas com firmeza no Monte Sinai e confirmadas por Cristo no sermão da montanha, no contexto das oito bem-aventuranças. O Criador, que é ao mesmo tempo o legislador, inscreveu no coração do homem toda a ordem da verdade. Esta ordem condiciona o bem e a ordem moral e constitui a base da dignidade do homem criado à imagem de Deus. Os mandamentos foram dados para o bem do homem, para o seu bem pessoal, familiar e social. Para o homem, eles são verdadeiramente a via. Apenas a ordem material não basta. Precisa ser completada e enriquecida pela sobrenatural. Graças a ela, a vida adquire um novo sentido e o homem torna-se melhor. Com efeito, a vida tem necessidade de forças e de valores divinos, sobrenaturais, e então adquire o pleno esplendor.

Cristo confirmou esta lei na Antiga Aliança. No sermão da montanha falava com clareza àqueles que o escutavam: «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas: não vim revogá-la, mas completá-la» (Mt 5, 17). Cristo veio para completar a Lei, antes de mais para colmar o seu conteúdo e o seu significado, e para mostrar desta forma o pleno sentido e toda a sua profundidade: a lei é perfeita quando está repleta do amor de Deus e do próximo. É o amor que decide da perfeição moral do homem, da sua semelhança com Deus. «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, - diz Cristo - esse é que Me ama, e aquele que Me ama será amado por Meu Pai, e Eu amá-lo-ei e manifestar-Me-ei a ele» (Jo 14, 21). A hodierna função litúrgica dedicada ao Santíssimo Coração de Jesus recorda-nos este amor de Deus, intensamente desejado pelo homem, e indica que uma concreta resposta a este amor é a observância na vida quotidiana dos mandamentos de Deus. Deus quis que eles não se ofuscassem na memória, mas permanecessem impressos para sempre nas consciências dos homens, para que o homem conhecendo e guardando os mandamentos, «tenha a vida eterna».

4. «Bem-aventurados os que praticam a Lei».

O Salmista chama deste modo aquele que caminha pela via dos mandamentos e os guarda até ao fim (cf. Sl 118[119], 32-33). De facto, guardar a lei divina é a base para obter o dom da vida eterna, ou seja, da felicidade que jamais tem fim. Ao jovem rico que perguntava: «Mestre, que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna? (Mt 19, 16), Jesus respondeu: «Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos» (Mt 19, 17). Esta chamada por parte de Cristo é

particularmente actual na realidade de hoje, na qual muitos vivem como se Deus não existisse. A tentação de organizar o mundo e a própria vida sem Deus ou contra Deus, sem os seus mandamentos e sem o Evangelho, existe e ameaça também a nós. A vida humana e o mundo construídos sem Deus, no fim voltar-se-ão contra o homem. Disto tivemos numerosas provas neste século XX que está a terminar. Transgredir os mandamentos divinos, abandonar o caminho traçado por Deus, significa cair na escravidão do pecado, e «o salário do pecado é a morte» (*Rm* 6, 23).

Encontramo-nos perante a realidade do pecado. Ele é ofensa a Deus, é uma desobediência a Deus, à sua lei, à norma moral, que Deus deu ao homem, inscrevendo-a no coração humano, confirmando-a e aperfeiçoando-a mediante a Revelação. O pecado contrapõe-se ao amor de Deus por nós e afasta d'Ele os nossos corações. O pecado é «o amor por si vivido até ao desprezo de Deus», como diz S. Agostinho (*De Civitate Dei*, 14, 28). O pecado é um grande mal em toda a sua múltipla dimensão. Começando pelo original, através de todos os pecados pessoais de cada homem, dos pecados sociais, dos pecados que pesam na história da humanidade inteira.

Devemos estar sempre conscientes deste grande mal, devemos adquirir constantemente a subtil sensibilidade e o claro conhecimento do estímulo de morte contido no pecado. Ele tem a sua origem na consciência moral do homem, está relacionado com o conhecimento de Deus, com o sentido da união com o Criador, Senhor e Pai. Quanto mais profunda é esta consciência de união com Deus, reforçada pela vida sacramental do homem e pela oração sincera, mais claro é o sentido do pecado. A realidade de Deus revela e ilumina o mistério do homem. Fazemos de tudo para tornar sensíveis as nossas consciências, e preservá-las da deformação ou da insensibilidade.

Vejamos quais são as grandes tarefas que Deus nos confia. Devemos formar em nós um verdadeiro homem à imagem e semelhança de Deus. Um homem que ama a lei de Deus e quer viver de acordo com ela. O Salmista que brada: «Tende piedade de mim, Senhor, segundo a Vossa misericórdia, segundo a Vossa grande misericórdia, apagai os meus pecados. Lavai-me totalmente das minhas iniquidades, purificai-me dos meus delitos» (*Sl* 50[51], 3-4), não é para nós um comovedor exemplo dum homem que se apresenta arrependido diante de Deus, que deseja a *metanoia* do próprio coração, para se tornar uma nova criatura, diferente, transformada pelo poder de Deus?

Apresenta-se diante de nós Santo Adalberto. Sentimos aqui a sua presença, porque nesta terra ele deu a sua vida por Cristo. Há mil anos que ele nos diz, com o testemunho do martírio, que a santidade se alcança mediante o sacrifício, que aqui não há espaço para qualquer compromisso, que é preciso ser fiéis até ao fim, que é necessário ter a coragem de proteger a imagem de Deus na própria alma, até ao preço supremo. A sua morte de mártir chama os homens para que, morrendo para o mal e para o pecado, deixem nascer neles um homem novo, um homem de

Deus, que guarda os mandamentos do Senhor.

5. Queridos Irmãos e Irmãs, contemplemos o Sagrado Coração de Jesus, que é fonte de vida, porque por seu intermédio se realizou a vitória sobre a morte. Ele é também fonte de santidade, porque nele é derrotado o pecado, que é inimigo da santidade, inimigo do progresso espiritual do homem. No Coração do Senhor Jesus, tem início a santidade de cada um de nós. Aprendamos deste coração o amor a Deus e a compreensão do mistério do pecado - *mysterium iniquitatis*.

Façamos actos reparadores ao Divino Coração pelos pecados cometidos por nós e pelo nosso próximo. Reparemos pela recusa da bondade e do amor de Deus.

Aproximemo-nos todos os dias desta fonte de água viva. Invoquemos com a mulher samaritana: «dai-nos desta água», porque ela dá a vida eterna.

Coração de Jesus, fornalha ardente de caridade,
Coração de Jesus, fonte de vida e de santidade,
Coração de Jesus, propiciação pelos nossos pecados - tende piedade de nós. Amém.

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana